

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista



Quando o Líder Fraco se Torna Forte

ARTIGOS

5 ASPECTOS DA NOSSA REAFIRMAÇÃO
Salim Japas

9 CRISTO, CENTRO DA PROFECIA
Carlos Belvedere

14 QUANDO O LÍDER FRACO SE TORNA FORTE
J. David Newman

16 APOCALIPSE 4 e 5: A VISÃO DO TRONO
Albert R. Treyer

22 SERMÕES E ESBOÇOS
Floyd Bresee

24 VENCENDO O CANSAÇO DA ITINERÂNCIA
Marie Spangler

28 REFLEXOLOGIA: MEDICINAL, INOFENSIVA, OU PERIGOSA?
Elvin Adams



Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Urias P. Chagas; **Diagramação:** Jobson Santos; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere; **Colaboradores:** João Wolff, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho;

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

Problemas Teológicos no Horizonte

A epístola a Tito parece indicar que os cristãos de Creta estavam sendo sacudidos por sérios problemas (Tito 1:5), entre os quais se tornava evidente certa tendência para aceitar pontos de vista heréticos (Tito 1:10 e 14). Talvez os olhos do experiente apóstolo estivessem vendo além do que podia perceber a limitada experiência de seu colaborador (Tito 1:16), razão pela qual resolveu dar-lhe orientações cuja utilidade se lança sobre o emaranhado ideológico enfrentado pelo povo de Deus, inclusive de nossos dias. Algumas questões com respeito ao que fazer, parecem salientar-se; e poderiam ajudar-nos toda vez que os problemas teológicos forem divisados no horizonte da igreja. São elas:

1. *Retorno às origens.* — O homem que for escolhido para ocupar funções na igreja, deve ser “apegado à palavra fiel que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder, assim para exortar pelo reto ensino como para convencer os que contradizem” (Tito 1:9); “não se ocupem com fábulas... nem com mandamentos de homens desviados da verdade” (Tito 1:14). A todo momento, e em especial na hora da crise, deve falar “o que convém à sã doutrina” (Tito 2:1). Deve ser o homem que conduza a grei aos princípios originais da verdade (Tito 1:1-3).

2. *A revelação acima do subjetivismo.* — O apóstolo verificou a presença de um grupo pernicioso que, com grande capacidade de comunicação, estava transmitindo erros (Tito 1:10). Evidentemente, baseavam seus ensinamentos em posturas humanistas (Tito 1:14), derivadas de um forte subjetivismo alheio ao espírito de Cristo (Tito 1:15 e 16). Diante disso, o conselho é claro: “Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina” (Tito 2:1), “para promover a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade” (Tito 1:1).

3. *Deve existir coerência ente a teologia e a experiência cristã.* — O apóstolo Paulo nos ajuda a entender que Deus não pensa em revelar-nos uma doutrina destilada, sem a experiência cristã, alheia à piedade prática. Na introdução de sua epístola, fala-nos do “conhecimento da verdade que é segundo a piedade” (Tito 1:1). Por isso, durante toda a carta dá instruções a respeito da conduta cristã (Tito 3:8), dando prova “de toda a fidelidade, a fim de ornarem, em

todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador” (Tito 2:10).

Um exemplo de coerência entre doutrina e vivência, encontramos na exposição que o apóstolo faz da justificação pela fé. É por graça (Tito 3:5-7), e se expressa através da vida ética responsável, daquele que nasceu de novo (Tito 3:8; 2:10-14).

4. *Firmeza*. — Apesar da necessidade de sermos “cordatos, dando provas de toda cortesia, para com todos os homens” (Tito 3:2), há momentos nos quais, quem recebeu funções eclesiais, deve agir. “Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesses em ordem as coisas restantes” (Tito 1:5). “... exorta e repreende também com toda a autoridade” (Tito 2:15). A despeito dos riscos que eventualmente venham a surgir, há momentos em que o dirigente cristão deve ser firme. “Fiel é a palavra, e quero que, no tocante a estas coisas, faças afirmação, confiadamente, para que os que têm crido em Deus sejam solícitos na prática de boas obras. Estas coisas são excelentes e proveitosas aos homens” (Tito 3:8). Em alguns casos, Paulo diz que é preciso ir mais adiante: “Repreende-os severamente, para que sejam sadios na fé” (Tito 1:13). E, possivelmente em caso excepcional, declara que, diante de ensinamentos perturbadores e desagregadores, o detentor da “palavra fiel que é segundo a doutrina” (Tito 1:9) fale com absoluta clareza aos “insubordinados, palradores frívolos, e enganadores” (Tito 1:10) aos quais é “preciso fazê-los calar” (Tito 1:11).

5. *Não dar oportunidade aos que causam divisões*. — Evidentemente, há divisões inevitáveis e até saudáveis; e outras, prejudiciais ao povo de Deus. Como exemplo das primeiras, temos as palavras pronunciadas por Jesus, referindo-Se às divisões familiares que surgem quando apenas alguns dos membros da família se convertem (Luc. 12:52 e 53). Como exemplo do segundo tipo de divisões, recomendamos o caso da rebelião de Coré, Datã e Abirão (Números 16; Judas 11). O apóstolo é muito específico quanto a recomendar que se evite “o homem faccioso, depois de admoestá-lo primeira e segunda vez, pois sabes que tal pessoa está pervertida e vive pecando, e por si mesma está condenada” (Tito 3:10 e 11).

Não tenho dúvida ao dizer que estes e outros princípios bíblicos nos serão cada vez mais valiosos, tendo em vista que o mesmo apóstolo Paulo nos diz, falando dos últimos dias: “Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas” (II Tim. 4:3 e 4). À medida que nos aproximarmos do dia final do grande conflito, mais problemas teológicos surgirão no horizonte do povo de Deus. Apeguemo-nos a estes conselhos que nos foram dados “para promover a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade, na esperança da vida eterna que o Deus que não pode mentir prometeu, antes dos tempos eternos” (Tito 1:1 e 2).

Daniel Belvedere

Aspectos da Nossa Reafirmação

A oração sugerida pelo Comitê Central do Concílio Mundial de Igrejas em Evanston, bem poderia servir de modelo à oração que deveríamos fazer como igreja. Precisamos reafirmar nossa doutrina, nossa missão como igreja e nossa santificação

Em “Bases Teológicas para la Renovación de la Iglesia”, Rudolf Obermuller lembra que uma oração sugerida pelo Comitê Central do Concílio Mundial de Igrejas para a Assembléia de Evanston, dizia: “Confessamos diante de Ti que temos desonrado Tua Igreja por causa de nossa indignidade. Temos percorrido caminhos que eram os nossos próprios caminhos e temos a culpa, porque Tua Igreja continua com suas divisões. Temos impedido Tua Igreja de obter o seu pleno poder, porque nós mesmos nos desobrigamos de entregar-nos completamente a Ti, e este deveria ter sido nosso dever. Ó, renova nosso coração e nossa mente, Pai celestial, a fim de que venha à nossa Igreja nova vida e novo poder, para Tua honra e glória.”¹

Embora não tenha sido pronunciada por nós, esta oração poderia expressar com certa timidez o anelo de reafirmação que surge no horizonte de nossa própria experiência religiosa. Diante da tormenta que a qualquer momento pode abater-se sobre nós, a igreja não pode, não deve continuar sonolenta à sombra de um triunfalismo duvidoso. A igreja precisa ser iluminada, fortalecida, purificada e motivada agora mesmo, a fim de preparar-se para sua última e mais gloriosa experiência. Por isso, “um rea-

vivamento da verdadeira piedade entre nós é a mais urgente de todas as nossas necessidades. Buscar esta experiência, deveria ser nossa primeira tarefa”.²

Poder-se-ia supor que o contorno no qual estamos submersos não favorece o surgimento espontâneo de uma autêntica reafirmação espiritual; mesmo assim, para que a obra que Deus está realizando em favor do pecador se torne eficaz, a igreja deve manter-se em contínua, dinâmica e submissa renovação espiritual. E essa renovação deve ser atualizada “sob a operação do Espírito Santo”³

A reafirmação espiritual que preconizamos para a igreja tem, necessariamente, que ocorrer com relação aos seguintes aspectos essenciais de nossa fé:

1. *Reafirmação da doutrina adventista* (Apoc. 14:12; III João 9 e 10; II Pedro 2:1-3; Heb. 13:7-9). Temos que admitir que, em algumas áreas do mundo adventista, observa-se uma tendência que debilita o compromisso do crente com os *princípios essenciais* da “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos”.⁴ Em outras, por outro lado, a fé é robusta e a igreja avança.

Nesse sentido, a apatia espiritual que invadiu algumas das igrejas protestantes tradicionais, convida à reflexão. Essa apatia é filha do mo-

Pastor Salim Japas
Secretário Ministerial da Divisão
Interamericana

dermismo religioso que, embora conserve a etiqueta de cristã, é uma religião totalmente nova. Esse liberalismo protestante é, dito sem rodeios, uma religião sem um Deus pessoal, sem um Salvador divino, sem Bíblia inspirada e sem uma conversão que transforma a vida.⁵

Ficamos alarmados ao saber que essa nova tendência religiosa conseguiu apoderar-se da maioria das escolas denominacionais, das publicações religiosas e das principais igrejas protestantes. Como resultado direto dessa mudança, essas igrejas deixaram de crescer, perderam o entusiasmo pelo evangelismo, diminuíram sua contribuição em favor das missões e perderam milhões de membros.⁶

“Enquanto prosseguir a batalha, temos necessidade de vigiar com atenção a investida que se faz para desgastar nossa posição teológica tradicional.”

Apesar da crise, a Igreja Adventista se tem mantido em sua posição teológica substancial, graças a Deus. Enquanto prosseguir a batalha, temos necessidade de vigiar com atenção a investida que se faz para desgastar nossa posição teológica tradicional. Aqueles que continuam insistindo em corrigir nossa teologia, precisam saber que “quando o poder de Deus testifica daquilo que é a verdade, essa verdade deve permanecer para sempre como a verdade. Não devem ser agasalhadas nenhuma suposições posteriores contrárias ao esclarecimento que Deus proporcionou”.⁷ Deve-se lembrar que o Espírito Santo ilumina a verdade, mas não nos dá uma verdade contrária à anterior.

Um de nossos baluartes, o púlpito adventista, deve ser bíblico, dinâmico, cheio do fogo divino e voltado para a evangelização. Não é tempo de balbuciamiento. Somos a voz do Senhor, e não um eco da cultura. Não dispomos de tempo nem de dinheiro para consumir em atividades que não sejam prioritárias. A procura de soluções para assuntos marginais da teologia não deve atrair-nos a atenção pois, se o fizermos, nosso testemunho pode enfraquecer-se.

Nossa visão deve estar *fixa na missão*. Se, porém, a visão se torna obscurecida, o sentido de

missão é distorcido, e a igreja pode voltar-se para si mesma e para seus problemas. A falta de progresso na direção da missão, conduz inevitavelmente à confusão e à desunião. A experiência recente das igrejas protestantes deve servir-nos de lição. Se preferirmos nossos problemas a nossa missão, e nos detivermos no terreno polêmico das controvérsias, sobrarão pouco tempo para dedicarmos a algo mais substancial. Se as energias da igreja forem empregadas em sua autopreservação, qualquer sobra dessa energia será insuficiente para escolher com amadurecimento sua ordem de prioridades. É inteiramente indispensável que a igreja se desligue de interesses secundários, se deseje preservar sua dimensão profética e sua missão para esta hora.⁸

2. *Reafirmação da Missão Adventista* (Mat. 28:18-20; Atos 1:6-8; Apoc. 14:6-12). Um verdadeiro reavivamento entre nós, deve incluir uma reafirmação de nossa fé na *missão* que nos foi confiada. Temos que admitir: desde sua inserção na História, a igreja cristã enfrentou problemas de identidade e missão. É impossível ter uma reafirmação espiritual se a liderança da igreja não desafia os crentes a manterem uma íntima relação com o nosso Senhor; se ignora o lugar saliente da adoração centralizada na pessoa e nos ensinamentos de nosso Redentor; se desconhece o valor primário do estudo da Palavra e do Espírito de Profecia, e fracassa em conduzir seu redil na direção da proclamação da mensagem redentora. Em algumas áreas, a igreja está alerta, e o Espírito de Deus a reveste de poder, e a mensagem se expande. Em outras, contudo, a igreja parece ser “um gigante adormecido”, à espera de que alguém a desperte. Para que esse despertamento ocorra, é preciso que a reafirmação se dê numa dupla dimensão de poder:

1) Primeiro, necessitamos de uma *pregação* bíblica, cristocêntrica, cheia de entusiasmo e transbordante de convicção. O púlpito adventista não é lugar para exibição de habilidade; é, antes, o altar onde o ministro se consagra pregando a Palavra do Senhor, de maneira simples, mas com poder divino.⁹ O verdadeiro jejum do pregador, como o disse alguém, “não é de alimento; é de eloquência humana, de ostentação teatral, de linguagem rebuscada e de tudo aquilo que impeça a manifestação do poder de Deus”. Se a pregação estiver cheia do “fogo divino” e o pregador for o instrumento escolhido pelo Céu, a congregação não terá ou-

tra alternativa a não ser andar em direção missionária. Os discípulos obtiveram êxito porque “oraram com intenso fervor para serem habilitados a se aproximar dos homens, e em seu trato diário, falar palavras que levassem os pecadores a Cristo”.¹⁰

Somos agora uma grande denominação. Conseguimos construir grandes edifícios para as instituições que, em certo sentido, constituem motivo de orgulho; gostaria, porém, de estar certo de que constituímos um povo capaz de sobreviver à crise que se avizinha. Quando vemos que em algumas áreas o adventismo se torna respeitável e ainda está em evidência, a tentação de acomodar-nos aos valores e metas da cultura na qual estamos imersos se torna quase irresistível. Somos grandes, mas ser grande não significa necessariamente ser melhor ou mais poderoso. A vida simples, humilde, respeitada e consagrada dos crentes pode estabelecer a diferença. A distância que existe entre ser simples e ser singelo deve ser reconhecida. A pessoa profundamente simples é aquela que lida com assuntos essenciais.

2) Segundo, se tivermos que atingir uma reafirmação genuína e vigorosa, tem que ser propiciada a obra do Espírito Santo. Só Ele pode remover-nos o tédio e a apatia. Precisamos do *fogo do Pentecostes* em nós, a fim de que a vida cristã manifeste convicção, liberdade, amor fraternal e paixão pela salvação das almas. A igreja é o centro da comunhão fraternal, cuja dinâmica essencial se encontra enraizada na divina operação do Espírito Santo.¹¹

Precisamos admitir que o Pentecostes foi mais do que um acontecimento introduzido na História. O poder veio em resposta a uma atitude de reconciliação humana, pois enquanto os discípulos aguardavam o cumprimento da promessa “humilharam o coração em verdadeiro arrependimento e confessaram sua incredulidade”.¹² Naturalmente, esse retorno do crente à vida singela, fraternal, sincera, pura e dedicada, tem que ser o resultado de uma *genuína experiência de conversão*. A “chama humana” pode, quando muito, produzir um reavivamento fugaz. O crente pode orar sem estar falando com Deus; pode aprender e ensinar os elementos transformadores, e até trabalhar no ministério, levando saúde e salvação, sem que essa sanidade e salvação o atinjam. O poder do Espírito Santo é concedido à igreja com um propósito específico: “Sereis Minhas testemu-

nhas.”¹³ É possível ser um crente sem ter poder; mas é impossível ter o batismo do Espírito e não ser testemunha.

Assim sendo, o Espírito Santo pode encher corações que estejam vazios de suficiência própria e orgulho. Os apóstolos consideraram seu vazio como uma necessidade urgente, e essa necessidade resultou em sua grande bênção. Mais do que a lembrança da Palavra ouvida ou dos milagres presenciados, necessitavam do *poder para testemunhar*. Uma visão sem vitalidade resulta em vergonha, e o desafio para amar pode tornar-se deprimente, quando nossas emoções carecem de profundidade. A vida do cristão é mais do que adquirir uma cultura religiosa; é aventurar-se na direção de um destino de serviço. O fogo do Espírito, quando recebido com liberdade, traz-nos convicção, paixão pelas almas e, ao mesmo tempo, galvaniza todos os nossos esforços e nos conduz à vitória.¹⁴

3. *Reafirmação da vida santificada* (I Tess. 4:1-7; Rom. 12:1-21; Efés. 4:1-32). Toda vez que a igreja é abençoada por uma reafirmação verdadeira, são solidificadas as regras que governam a conduta santificada. A história da igreja mostra-nos com suficiente clareza que o reavivamento e a reforma apóiam-se em uma poderosa proclamação profética, e isto é verdade, uma vez que a Palavra e o Espírito de Profecia podem despertar na alma do crente o desejo de servir ao Senhor e abandonar o pecado. Uma compreensão da santidade de Deus e Seu juízo iminente, encontra-se na base do crescimento espiritual, e o preço que se paga para esse crescimento é a *completa renúncia* à vida pecaminosa.

Se quisermos ter esta experiência de vitória com o Senhor, precisamos avançar em direção ao Pentecostes, e o primeiro passo positivo deve ser dado na direção de nosso Senhor e do pacto do Calvário. Toda vez que falamos em Pentecostes, temos que precaver-nos contra o perigo de uma “superespiritualidade” na qual as experiências subjetivas e extraordinárias têm mais valor do que a obediência a um “assim diz o Senhor”. A idéia de santificação instantânea é igualmente um desvio doutrinário muito em voga.¹⁵

É inevitável, se quisermos ser os destinatários do poder espiritual, reafirmar nosso *conceito de igreja*. Precisamos precaver-nos contra o perigo de uma santidade que toma a forma de “interiorização da piedade” e, por conse-

guinte, separa o crente de suas responsabilidades e relações com os problemas básicos do presente. O individualismo radical e o exclusivismo, podem conduzir ao sectarismo que exige dos crentes saírem da igreja, à qual estigmatizam de "apóstata" e "babilônia" para formar movimentos de "reforma". A história é pródiga em exemplos segundo os quais, os denominados "reformistas" terminam cometendo os mesmos "pecados" que condenam.¹⁶

O púlpito adventista é o altar onde o ministro se consagra pregando a Palavra do Senhor de maneira simples mas com poder divino.

O reavivamento que defendemos, distingue-se por reconhecer o lugar preponderante que ocupa a *santificação da conduta* do crente. Temos que convir em que a justificação precisa estar à base de toda reconciliação com o Senhor e com nossos semelhantes. O perdão de nossos pecados ocupa necessariamente o primeiro lugar, mas é igualmente importante vivermos uma vida sem pecado. A retidão, a honestidade, a veracidade na vida nova e vitoriosa do crente, devem ser consideradas como frutos indispensáveis de uma fé robusta e amadurecida. Nesse sentido, todas as normas éticas, contidas nas Escrituras, devem encontrar seu caminho em direção à vida de relação dos crentes, tanto na esfera política e econômica, como na esfera pessoal e particular.¹⁷

Neste sentido, os reclamos da cultura têm seu limite. O fato de que "o Verbo Se fez carne" não autoriza o relativismo ético. Estamos "no mundo", mas não pertencemos ao mundo. Nossa lealdade não é negociável. A igreja tem uma missão a cumprir que transcende todas as culturas. A razão de ser da igreja, seu destino imediato, sua natureza primigênia, sua meta mais próxima e seu horizonte, sua própria existência consubstanciam-se com sua missão. A igreja é a voz de Deus e não o eco da cultura. Esta-

mos mergulhados em uma determinada cultura; pertencemos, porém, a outra superior. Jesus estabeleceu limites aos ditames culturais de Seu tempo: não aceitou o divórcio, o preconceito racial e religioso; antes, os desafiou. O adventismo, como nova forma de vida, tem seus absolutos, independentemente de qualquer exigência cultural. O relativismo ético e o liberalismo teológico solaparam a vitalidade das igrejas tradicionais.¹⁸ Nós, os adventistas, devemos estabelecer com clareza as fronteiras éticas dentro das quais queremos expressar-nos como "remanescentes de Deus", e esses limites devem ser respeitados por todos. Nossa capacidade de adaptação às situações que não conflitam com nossa posição teológica tem um limite.

Quando a igreja cristã esteve "peregrina", teve como recompensa a profundidade espiritual; quando, porém, se tornou "sedentária", enraizada na cultura do seu tempo,¹⁹ perdeu a vitalidade e se tornou incapaz de enaltecer a Divina Palavra; sua fraqueza a levou a ser um eco do seu tempo, e não a voz de Deus.

Alguém disse com acerto que nós, os crentes, não somos os embalsamadores do passado; somos, ao invés disso, os agentes de nosso Senhor, que geram, pela graça divina, a partir do presente, a realidade do mundo do futuro, e o fazemos no poder do Espírito Santo.

1. *Cuadernos Teológicos*, 1954, pág. 27.
2. E. G. White, *Review & Herald*, 22 de março de 1887.
3. E. G. White, *Review & Herald*, 25 de fevereiro de 1902.
4. Judas 3.
5. Ronald H. Nash, *Evangelical Renewal*, Crossway Books, 1987, págs. IX-XII.
6. *Idem*, págs. 15, 30, 36, 87, 88, 113.
7. E. G. White, *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, pág. 161.
8. Bailey E. Smith, *Real Evangelism*, págs. 48, 70 e 77.
9. E. G. White, *Obreiros Evangélicos*, págs. 160-163.
10. E. G. White, *Atos dos Apóstolos*, pág. 37.
11. Leroy E. Froom, *A Vinda do Consolador*, págs. 91-100.
12. *Atos dos Apóstolos*, pág. 36.
13. Atos 1:8.
14. Salim Japas, *Llama Divina*, págs. 9-13.
15. *Real Evangelism*, págs. 133-148.
16. E. G. White, *Mensagens Escolhidas*, Livro 2, págs. 446-451.
17. E. Kevan, *La Ley y el Evangelio*, págs. 25-39.
18. *Evangelical Renewal*, pág. 114.
19. Donald G. Bloesch, *El Renacimiento Evangélico*, págs. 69-93.

Crísto, Centro da Profecia

Livro fundamental para a escatologia bíblica, Daniel parece estar envolto em um manto de mistério, comparável apenas ao simbolismo apocalíptico de João. Sua linguagem figurada parece sem sentido a quem pela primeira vez folheia suas páginas.

Para alguns, este livro não passa de um conjunto de desejos; uma mística hebraica; ou a conversa incoerente de um velho. Contudo, veremos que nem todo ele é simbolismo e mistério. Procuraremos, então, desvendar o mistério a partir do saber; transformar em sinal o simbólico.

Daniel: profeta ou literato?

A teologia crítica, apoiada nos manuscritos existentes, estabeleceu a data em que foi escrito o livro de Daniel como sendo o segundo século A.C. Historicamente, não pode ser provado que o profeta tenha escrito o livro no século VI, tal como o ensina a Bíblia. Não obstante, também não pode ser negado. Isto tem graves implicações. Se este livro não foi do século VI, mas do século II, Daniel não seria o profeta que predisse a queda de Babilônia, da Média-Pérsia e Grécia (Daniel 2). Também não teria advertido Belsazar de que o reino seria tirado naquela mesma noite (capítulo 5), e de que o império grego se dividiria em quatro (capítulo 8). Todas estas profecias, expressas primeiro em símbolos, e depois interpretadas no mesmo livro, não seriam predições. Daniel não seria um profeta, mas um escritor que narrou como sendo futura a história transcorrida entre os séculos VI e II A.C.

Reconhecer que há no livro de Daniel um princípio supra-histórico e sobrenatural é mais racional do que postular que todo o sincronismo do livro seja produto do acaso.

Algumas concessões e conjeturas

Procuraremos situar-nos metodologicamente no século II, e vejamos o que resta do livro de Daniel. O que é história e o que é profecia?

No século II já haviam caído Babilônia, Média-Pérsia e Grécia. Portanto, era possível supor que Roma cairia. O que não era tão fácil de antecipar era sua divisão em pequenos reinos que não tornariam a unir-se. Até então, os impérios costumavam ser derrotados por po-

Carlos Belvedere
Professor de Filosofia e Pedagogia

derosos reis que mantinham ou subornavam o império existente a outro mais poderoso ainda. Contudo, a Grécia já havia sido dividida em quatro reinos, com a morte de Alexandre. Isto poderia ter levado Daniel a pensar que o próximo reino também se dividiria.

Por outro lado, podemos dizer que o livro de Daniel contém dois tipos de relatos. O primeiro nos fala de fatos já ocorridos no tempo do autor (seja o século II ou o século VI), e não pode solucionar o dilema em que foi escrito o livro, nem permite elucidar se seu autor foi profeta (predisse os acontecimentos) ou um historiador-narrador (que nos apresentou como futuros, eventos passados). O outro tipo de comentário que encontramos em Daniel é formado por símbolos e alegorias. Sua interpretação pode ser livre e diversificada e, portanto, serviria tanto para afirmar como para negar o cunho profético do livro de Daniel.

Condições

Assentadas assim as bases de nosso estudo, temos que: para provar que Daniel foi realmente profeta e que seu livro, por conseguinte, tem um sentido profético, devemos encontrar pelo menos uma referência específica e determinada, não simbólica, a um acontecimento posterior ao século II, cujo prognóstico seria difícil ou impossível para a época.

Se, além disso, quisermos averiguar se o resto do livro possui certa coerência e sentido para a história do homem, este elemento-chave deve permitir-nos estruturar o livro em torno dele e, se possível, estabelecer uma relação com o resto das Escrituras (em especial com outros livros proféticos).

A chave

Do grande número das profecias figurativas e metafóricas não interpretadas do livro de Daniel, percebem-se dois fatos. Chama a atenção sua inteligibilidade. Ao contrário das demais referências, tão desconcertantes que

chegaram até a quebrantar e fazer adoecer o autor (Daniel 8:27), estas são claras, precisas e estão expressas numa linguagem perfeitamente compreensível, tanto para o século II como para a data de seu cumprimento e nosso tempo. Encontramos esta referência no capítulo 9, versículo 25. "Sabe, e entende." Este não é mais um símbolo. É saber e entendimento. Numa ocasião foi dito a Daniel que fechasse o livro (capítulo 12:4); e em outra, ele não conseguira entender o significado das palavras que escrevera (capítulo 7:28). Agora, porém, o anjo lhe dizia de maneira específica: "Sabe, e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas... e depois das sessenta e duas semanas será morto o Ungido, e já não estará" (Daniel 9:25 e 26).

Todo judeu sabia quem seria o Messias. Estavam esperando-O. Também entendia o significado da palavra reconstruir e conhecia Jerusalém. Esta é, sem dúvida, uma referência compreensível. Não se trata de animais estranhos nem de estátuas impotentes. São acontecimentos reais que não exigem interpretação simbólica para ser entendidos. Por conseguinte, poderiam ser a chave de uma posterior interpretação da linguagem figurativa do livro.

Os fatos

Descobrimos dois acontecimentos que representam uma possível porta de entrada para o ministério escatológico do livro de Daniel. Mas que relação existe entre eles, e entre os dois e o resto do livro?

Partamos do conhecido. Sabemos que a morte de Cristo ocorreu no ano 31. Sabemos também que o povo de Israel saiu definitivamente do seu cativeiro, rumo à reconstrução de Jerusalém, no ano 457 A.C. Devemos então verificar que relação nos apresenta Daniel entre estes dois acontecimentos.

"Desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas" (Daniel 9:25). Isto é, sessenta e nove semanas depois da ordem para restaurar Jerusalém, chegaria o Messias, o Príncipe. Que significa o Mes-

sias, o Príncipe? Logo o veremos. Mas já sabemos que isso ocorreria sessenta e nove semanas depois da ordem. O que sabemos ao certo é que “depois das sessenta e duas semanas será morto o Ungido” (verso 26). Portanto, sabemos também que entre o decreto de Artaxerxes e a morte de Cristo se passariam mais de sessenta e nove semanas, isto é: 483 dias (um pouco mais de um ano e três meses).

As Datas

E encontramos duas referências literais a fatos concretos: a ordem para reconstruir Jerusalém e a morte do Messias. Sabemos hoje as datas de ambos: 457 A.C. e 31 A.D. Acharmos também um período que liga ambos os acontecimentos: depois das sessenta e nove semanas (sete mais sessenta e duas) seria tirada a vida ao Messias.

Sessenta e duas semanas. Isto nos leva ao ano 459. Cristo morreu muito depois. Daniel afirma que Ele morreria “depois” desse tempo, mas não nos diz quanto tempo depois. Em sentido exato, isto se cumpriria. Mas, claro, não há grande mérito em predizer que alguém que ainda não havia nascido, morreria dentro de mais um ano, sem ser mais preciso. Ainda mais, se supomos que o livro foi escrito em torno do século II, afirmar que Cristo, que ainda não havia surgido, morreria depois do ano 458 não é nenhum indício de revelação. Isto nos leva a procurar maior especificidade nos dados.

Os períodos

É curioso que no capítulo nove se fale de forma global de um período de setenta semanas (versículo 24), e em seguida se divida o período em três subperíodos de sete semanas, sessenta e duas semanas e uma semana (versos 25 e 27). Vejamos se isto tem algum sentido.

Com respeito às primeiras sete semanas, sabemos o acontecimento que lhe marca o início (portanto, sabemos sua data) e podemos deduzir a data de seu término. O que não fica claro

é o acontecimento significativo com o qual o período terminaria.

O livro de Daniel fala de dois tipos de relatos: os fatos já ocorridos no tempo do autor e os simbólicos e alegóricos.

Sabemos também que a última semana começaria antes da morte de Cristo (ano 31) e que seu início estaria relacionado com algum acontecimento da vida do Messias: o Messias, o Príncipe. Esta é uma expressão simbólica, não se concluindo, à primeira vista, nada de inteligível de seu sentido literal. Sabemos apenas que entre o ano 31 e o começo da semana número sessenta e nove há um período de tempo não superior ao da vida de Cristo, isto é, 33 anos. Que período pode ser este? Daniel diz que é de uma semana. Sete dias podem facilmente ser abrangidos pela vida de um homem. Que acontece, porém, com as sessenta e nove semanas que separam a ordem para reconstruir Jerusalém, do Messias, o Príncipe? Sabemos que Jerusalém começou a ser reconstruída no ano 457 A.C. Logo, Daniel predisse o acontecimento e não acertou quanto à data (predição em nada assombrosa), ou então existe nestas semanas um sentido ao mesmo tempo novo e discernível.

Semanas e dias

Recapitulemos. Segundo Daniel 9, haveria um período significativo para o povo de Deus, de setenta semanas. Este, seria dividido em três subperíodos: sete semanas, sessenta e duas semanas e uma semana. Talvez fique mais claro expressar estes períodos usando a palavra dias. Os 490 dias seriam divididos em 49, 434 e 7 dias, respectivamente. É claro que, se estas semanas fossem realmente semanas de dias, o livro de Daniel não teria sentido profético algum.

Vemos então que há dois acontecimentos que se passaram nos anos 457 A.C. e 31 A.D., que no livro de Daniel estão distanciados entre si por mais de 483 dias. Na realidade, este espa-

ço entre os dois acontecimentos não era de dias, mas de anos. Exatamente 483 anos.

Semanas de anos?

E se as semanas às quais se refere Daniel na verdade fossem semanas de anos? Vejamos o que ocorreria.

O primeiro período começaria no ano 457 A.C. e terminaria em 408 A.C. (ano em que foi terminada a reconstrução da cidade de Jerusalém). Depois, começaria um período de sessenta e duas semanas, até o ano 27 A.D., que corresponderia ao Messias, o Príncipe. Agora que temos a data do evento, talvez possamos descobrir o que significa a expressão “Messias, o Príncipe”.

O ano 27 é o ano do batismo de Jesus, com o qual se inicia Seu ministério público na Terra. Este é um fato fundamental na história da redenção do homem. Além do mais, podemos relacionar o começo do ministério de Jesus com o início da última semana, não só porque os respectivos anos coincidem, como também porque a palavra hebraica Messias significa ungido. Assim, poderíamos traduzir: “Desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas” (Daniel 9:25). Além disso, de acordo com Atos 10:37 e 38, podemos dizer que o batismo de Jesus foi Sua unção. Assim, a polissemia da palavra messias dá um sentido mais profundo a esta profecia.

O período terminaria no ano 34, com a morte de Estêvão e o começo da pregação aos gentios, o que podemos relacionar com a confirmação da “aliança com muitos”, do verso 27.

Comparando esta profecia com outras que encontramos na Bíblia, podemos observar que o princípio de substituir dias por anos já fora usado e autorizado por Deus na profecia de Ezequiel 4:6, e em Números 14:34. Isto nos autoriza também a fazer a substituição, sempre e quando a profecia em estudo o exija. Entre as alternativas deste caso, prefiro tornar significativas as palavras de Daniel, interpretando as semanas como conjuntos de 7 anos.

Poder-se-ia adotar postura contrária, isto é, que o princípio de substituir dias por anos não é pertinente. Isto, porém, nos levaria a buscar

interpretações muito mais sofisticadas ou, se as não encontrássemos, a procurar as “coincidências fortuitas”, para explicar alguns fatos. Por exemplo: Como, substituindo dias por anos, no livro de Daniel, é possível concluir que a morte do Messias ocorreria entre o ano 27 e o 37, isto é, duzentos anos depois da suposta data da redação do seu livro? Como se explica que o ano 27 coincidia com o início de um período importante da vida de Cristo? Se não admitimos que nas profecias de Daniel um dia representa um ano, como explicar que tal substituição leve a coincidências assustadoras com as datas da finalização da reconstrução de Jerusalém (408 A.C., fim das primeiras sete semanas), o batismo de Jesus (27 A.D., fim das sessenta e duas semanas) e o início da pregação aos gentios (ano 34 A.D., representado em Daniel 9:27 com a confirmação da aliança com muitos)?

Uma predição inquestionável

Até aqui as provas que conseguimos reunir em favor de uma interpretação real e inteligível do livro de Daniel. Procuremos agora estruturar seu sentido em torno do advento crucial — o único inevitavelmente futuro nos tempos de Daniel, quer aceitemos a data bíblica (século VI) ou a estabelecida pela alta crítica (século II). Sem dúvida alguma, Daniel predisse que o Messias seria morto (que Lhe seria tirada a vida: “Já não estará”). Também predisse que esse acontecimento se daria (aceitando o princípio do dia-ano) entre os anos 31 e 34. No verso 27 do mesmo capítulo 9, declara-se que a obra redentora do Messias ocorreria na metade daquela última semana profética, isto é, com precisão matemática e com uma antecipação mínima de 180 anos.

Se considerarmos que prever um acontecimento é surpreendente; que prever a sua data é mais surpreendente ainda; e que o mesmo princípio de interpretação que nos foi dado para fixar aquela data permite situar em uma “briga temporal” outros quatro acontecimentos com toda precisão, teremos uma “coincidência” difícil de explicar.

Prefiro reconhecer que há no livro de Daniel um princípio supra-histórico e sobrenatural. Es-

ta conclusão não é necessária (do ponto de vista lógico-formal), mas é pelo menos uma suposição racional, possível; e mais racional do que postular que todo este "sincronismo secular" é produto do acaso ou da casualidade. Isto me leva a pensar que o livro de Daniel é um livro profético e significativo, que se antecipou aos fatos e que contém um sentido e um significado, que Daniel viveu e escreveu — tal como o declara — no século VI A.C. (apesar de que as provas atuais não nos permitam demonstrar sua antecedência ao século II).

Cristo, o centro da profecia

A interpretação do livro de Daniel não termina com as poucas considerações aqui feitas; pelo contrário, com estas fica aberta a porta à possibilidade de descobrirmos um sen-

tido intrínseco ao livro. Tudo isto se tornou possível graças a um fato e a uma predição: a morte de Cristo. É ela que nos permitiu encontrar significado e realismo na profecia das setenta semanas. É também ela que nos permite afirmar que Daniel na verdade foi profeta. Mostra-nos ela que, para entender as profecias de Daniel, devemos substituir os dias por anos e, assim, relacionar diversos acontecimentos. Definitivamente, a morte de Cristo é o centro da profecia. Por meio dela, podemos entender a mensagem de Deus. Cristo torna a transformar-Se no "Mediador entre Deus e os homens"; passa a ser a revelação do Pai, e Aquele que nos conduz a Ele. A morte de Cristo é a significação e o significativo da profecia. Por ela, compreendemos a profecia e esta é compreendida por ela. Assim, a morte de Cristo ocupa um lugar saliente no livro de Daniel: é sua chave e seu ponto de acesso. Enfim, a morte de Cristo é o que dá sentido não só à vida do crente, como também à profecia.

Quando o Líder Fraco se Torna Forte

A arte de liderar requer que nos acomodemos às necessidades e mesmo ao grau de conhecimento das pessoas. O apóstolo Paulo é citado como exemplo nesse sentido.

“**A**jude-me!” implorou alguém pelo telefone. “Metade da comissão de minha igreja se demitiu. Estou em dificuldades. Poderia vir ajudar-me?”

Em liderança, a concentração de poder é mais um sinal de fraqueza do que de poder. O método pode dar certo em algum lugar, mas poderá falhar em outro.

Como assistente do presidente na administração de igrejas (numa Associação local), foi-me confiada a tarefa de lidar com conflitos. Dessa maneira, deixei tudo para fazer visitas junto com aquele pastor. Nenhum vestígio de dificuldade havia surgido em seu distrito anterior, no qual havia ele dirigido com sucesso um dos programas ganhadores de almas da Associação.

Quando o visitei, e aos membros de sua comissão, observei logo que seu estilo de liderança não se harmonizava com o desta igreja. Ele preferia desempenhar um papel dominante e mesmo autoritário, e considerava o permitir que outros tomassem decisões ou ocupassem

parte importante na direção do futuro da igreja, como liderança fraca.

Mas conquanto seu distrito anterior consistisse em grande parte de pessoas ativas que trabalhavam por outros e estavam acostumadas a receber ordens, esta igreja possuía um grande grupo de profissionais que venceram pelos próprios esforços, os quais gostavam de tomar as próprias decisões, e não gostavam que seu pastor decidisse por eles em muitos casos.

Dar-se-ia o caso de aquilo que parecia ser liderança fraca, ser ao invés disso, liderança forte? Uma vez que a personalidade e o estilo de liderança do indivíduo estão intimamente relacionados, raramente alguém se adapta a um estilo de liderança diferente do tipo de personalidade que a pessoa tem. Contudo, os livros de administração, e a própria Bíblia, salientam que às vezes, para administrar com eficiência, devemos adotar estilos diferentes daqueles aos quais estamos acostumados.

Jamais acusaria alguém o apóstolo Paulo de ser um líder fraco. Para enfrentar o apóstolo Pedro (Gál. 2:14), era preciso ter personalidade forte. Contudo, esse mesmo líder forte podia também dizer: “Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos” (I Cor. 9:22).

Paulo, fraco? Impossível! O contexto da passagem informa-nos que Paulo está procurando “ganhar o maior número possível” (verso 19). Dessa forma, procedia “para com os judeus co-

J. David Newman
Editor executivo da revista “Ministry”

mo judeu; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse... Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse... para ganhar os que vivem fora do regime da lei" (versos 20 e 21).

Paulo adaptava seu estilo de liderança e sua personalidade, a fim de satisfazer as diferentes necessidades das pessoas às quais servia. Aquilo que alguém consideraria fraqueza, considerou-o ele necessário para despertar a confiança e a fé naqueles que viviam em um nível mais imaturo do que outros.

Podemos resumir o estilo de liderança a quatro elementos principais: exposição, venda, consulta e participação. O pai diz a uma criança de um ano de idade o que ela deve comer. Falta a essa criança a maturidade para tomar as próprias decisões. Não obstante, quando esse menino ou menina se torna adolescente, o pai deverá ter passado da fase do falar, vender e consultar, para a da participação, na qual toda a família escolhe o seu cardápio.

Dizer a um jovem de dezessete anos que ele deve comer as verduras, revela um estilo de parentesco ultrapassado. Adolescentes tais não foram preparados para tornar-se adultos independentes, que tomam decisões.

Os líderes desempenham um papel semelhante ao dos pais. Os grupos variam em maturidade social e organizacional. Algumas pessoas preferem que lhes digamos o que devem crer e quando devem ser evangelizadas. Outras, necessitam de algum convencimento (venda), mas, finalmente, acederão. Um terceiro grupo deseja ser consultado, e o líder sábio ouve-lhes as idéias, em lugar de tomar a decisão em seu lugar. O quarto grupo, contudo, que deseja ter voz e responsabilidade no processo de tomar decisão junto com o líder, é muitas vezes o mais difícil de conduzir — pelo menos por aquele líder que confia grandemente nos estilos da exposição e venda, aliados a um pouco de consulta.

O estilo da participação na liderança é, por vezes, considerado "fraco" pelos líderes "fortes". É, porém, quando o líder parece fraco,

quando é atencioso para com as necessidades das pessoas e se mostra sensível a essas necessidades, que ele é mais forte.

Robert Worley resume o assunto do conflito de estilos de liderança da seguinte forma: "Frequentemente o comportamento que os líderes aborrecem, ou do qual estão temerosos, tem aparecido como reação ao estilo político e à atividade da liderança presente. Em geral, os líderes não percebem que seu próprio comportamento tende a produzir o comportamento que eles detestam em outros" (*A Gathering of Strangers*, pág. 56).

"Em geral, os líderes não percebem que seu próprio comportamento tende a produzir o comportamento que eles detestam em outros".

O líder pode, pela força da personalidade, dirigir os negócios mais de acordo com a maneira exposição/venda, do que a consulta/participação, mesmo em grupos amadurecidos. A lealdade do sistema, para a organização da igreja, pode impedir a revolta aberta. Mas a rebelião incipiente muitas vezes jaz em estado de ebulição pouco abaixo da superfície. As pessoas têm muitas maneiras de demonstrar seu descontentamento: retendo dízimos e ofertas, pela frequência esporádica, fazendo parte de ministérios independentes, pedindo a mudança do pastor ou administrador, mudando as constituições, e assim por diante.

Muitas vezes, não é senão quando surge um líder menos capaz, que o fruto do estilo de liderança anterior é notado. Não importa quão difícil seja a tarefa, devem os pastores e administradores aprender a lição da fraqueza: "Porque quando sou fraco, então é que sou forte" (II Cor. 12:10).

Apocalipse 4 e 5:

Na opinião do autor o
entre as descrições
cerimônias do dia d
Ele concorda e
podem ser aplic
convocação celestial
do tema ce

O louvor e a adoração no juízo

O fato de se salientar na visão de Apocalipse a adoração e o louvor a Deus e ao Cordeiro, não diminui a idéia de juízo, pois era este justamente o propósito do juízo. Por exemplo, em Apoc. 4:11, realça-se a dignidade d'Aquele que está sentado no trono, para "receber a glória, a honra e o poder", algo que na verdade Deus sempre possuiu. Todavia, a corte é obviamente estabelecida aqui para reconhecê-Lo como tal em relação com a impugnação de Seu caráter, trazida pela rebelião e o pecado, num contexto semelhante à descrição dada em Rom. 3:4: "Para seres justificado nas tuas palavras, e venhas a vencer quando fores julgado." A razão que se dá, para tal tributo de honra, é que Deus é o Criador, e como tal tem direito a julgar Suas criaturas. Isto será mais desenvolvido na mensagem do primeiro anjo, na qual a chegada da hora do juízo convida à adoração (*prosekúnésate*) do Criador, e a dar-Lhe glória (Apoc. 14:7 = *dóxan*; cf. Apoc. 4:11; 5:12 e 13: "*dóxan*"; verso 14 = *prosekúnésan* = "adoração").

É justamente isto o que faz também o remanescente que teme a Deus, ao terminar o perí-

do da grande tribulação e iniciar-se o ministério do lugar santíssimo. Servem de eco do louvor celestial, pois dão "glória (*dóxan*) ao Deus do Céu" (Apoc. 11:13 e 19). A quarta praga mostra que os homens que recusaram o chamado para dar glória a Deus na época do juízo, curvando-se diante da falsificação idolátrica do papado mediante a adoração da besta e de sua imagem (Apoc. 13:3, 4, 12-14; 14:9-11), não se arrependeram nem mesmo com o castigo (para dar-Lhe glória" (Apoc. 16:9). Por outro lado, as hostes celestiais exclamam: "... demos-Lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou" (Apoc. 19:7).

"Vê-se aqui que não se considerava o trono típico do rei como único em relação com sua função de juiz, mas eram também incluídos os tronos de seus conselheiros."

Em João 5:22 e 23, salienta-se de novo a relação entre o juízo celestial e a honra tributada

Dr. Albe
Professo

A Visão do Trono

Este artigo, há semelhança
de Apocalipse 4 e 5 e as
Expição dos israelitas.
que as descrições
das a mais de uma
devido à universalidade
tral do louvor.

a Deus e ao Filho. Mas o que chama a atenção nesta passagem, é que esta honra (*timosi*) concedida ao Pai e ao Filho, ocorre quando o Pai confere o juízo a Seu Filho. O verdadeiro propósito desse juízo é que “todos honrem o Filho, do modo por que honram o Pai”. Essa honra (*timèn*) dada ao Filho e ao Pai, João vai ter a oportunidade de descrever mais detidamente em seu último livro, em Apoc. 4 e 5, quando o Pai entrega ao Filho o livro do juízo do reino, a Palavra de Deus (João 5:45; ver especialmente Apoc. 4:11; 5:9, 10, 12 e 13). Descrevendo Jesus de pé como em Apoc. 5:6. ao concluir o Seu ministério no lugar santíssimo, e tendo sobre a cabeça o arco-íris que está sobre o trono (cf. 4:3), símbolo da misericórdia, Ellen White faz a seguinte declaração: “A graça e a misericórdia descerão então do trono, e a justiça tomará o seu lugar. Aquele por quem Seu povo tem esperado, assumirá o Seu posto — o ofício de Juiz supremo” (*RH*, 1º de janeiro de 1889).

João chora momentos antes porque não vê ninguém digno de abrir a lei da herança no juízo. Ele sabia que o Filho do homem havia vencido (Apoc. 1:18) e Se havia sentado com o Pai em Seu trono (Apoc. 3:21). Havia mais de 60 anos que isto tinha acontecido, e João havia recebido um dos dons que Jesus concedeu a Sua

Igreja naquela ocasião inaugural — a profecia — como prova de Sua aceitação pelo Pai (Atos 2:33; Efés. 4:7 a 13). Mas agora está diante da intimação celestial que deve vindicar os santos heróis das igrejas, e se oculta de sua vista o único ser capaz de abrir o livro da herança. Um dos membros da corte celestial o consola então, comunicando-lhe o que todas as hostes celestiais também sabem: que Jesus, o Messias Filho de Davi, vencera e fora estabelecido *de direito* na inauguração de Seu ministério celestial, como Senhor e Cristo (Atos 2:30; Apoc. 12:10), *virtual* ou *prolepticamente* acima de qualquer outro poder, quer no Céu ou na Terra (Apoc. 1:5-7; Efés. 1:19-23; Heb. 1 e 2). Sua missão passou então a ser, em grande parte, *espiritual* e sacerdotal, pois foi dado à igreja “para ser o cabeça sobre todas as coisas”, “aguardando, daí em diante, até que os Seus inimigos sejam postos por estrado dos Seus pés” (Heb. 5:5; 10:13).

A atenção de João, porém, é dirigida para mais longe, e ele contempla o momento em que o Filho de Davi (Apoc. 5:5) vai ser investido *de fato, consumada ou acabadamente* no fim dos séculos, como Davi o foi, para reinar sobre Seu povo e livrá-lo de seus inimigos (Apoc. 20:4 e 6; 22:3 e 6), e receber *literalmente* por herança

as nações, quebrantando-as ou regendo com vara de ferro (Sal. 2:7-9; Apoc. 19:15).

Em Salmo 122:4 e 5, lemos: "Para onde sobem as tribos, as tribos do Senhor... para renderem graças ao nome do Senhor. Lá estão os tronos de justiça, os tronos da casa de Davi." Vê-se aqui que não se considerava o trono típico do rei como único em relação com sua função de juiz, mas eram também incluídos os tronos de seus conselheiros, o tribunal mencionado em outras passagens bíblicas como "o conselho dos anciãos" (I Reis 12:6; Ezeq. 7:26; Mat. 27:1; 28:12, etc.), os quais eram estabelecidos em semicírculo. Nesta passagem, o louvor e o juízo estão juntos, porque o propósito do juízo é vindicar o caráter de Deus. O mesmo ocorre em Apoc. 19:1-8. Os quatro querubins, os anciãos, os remidos e todos os seres celestiais louvam e adoram a Deus, porque Seus juízos são manifestos (Apoc. 19:1-10).

Este propósito do juízo é de suma importância, ou a tragédia do pecado não poderá ser eradicada para sempre. Os rabinos e os sectários de Qumran, baseados em várias passagens do Antigo Testamento, deixaram vestígios da crença em que Deus julgará o mundo e Seu povo junto com os anciãos em Jerusalém. Uma dessas passagens, a de Isaías 24:23, é apresentada no contexto dos sinais estelares que marcam o tempo do fim e do juízo: "A Lua se envergonhará, e o Sol se confundirá quando o Senhor dos exércitos reinar no monte Sião e em Jerusalém; perante os Seus anciãos haverá glória" (Apoc. 4:11; 5:12 e 13: "Digno... de receber a glória").

Problemas de fundo

Uma das verdades mais preciosas do adventismo é a crença em um santuário celestial equivalente ao antigo santuário israelita. Isto, não só em relação com seu ministério, como também com sua estrutura. A perda ou enfraquecimento dessa grande verdade em anos recentes, é responsável pela aceitação errônea, dentro de nossas fileiras, de alguns postulados que aparecem em muitos comentários modernos a respeito do acesso à presença de Deus. A idéia sugerida é que os antigos não tinham livre acesso a Deus, e não podiam entrar no lu-

gar santíssimo, salvo o sumo sacerdote, uma vez ao ano. Por outro lado, os cristãos, segundo essa teoria, agora podem, têm liberdade de entrar, porque Jesus rasgou todo o véu ou porta de separação. Esta interpretação, porém, não é bíblica, e nega a correspondência espacial do santuário celestial com o terreno, cujos dois compartimentos principais, o santo e o santíssimo, estavam separados por um véu ou porta.

Esta negativa moderna da semelhança espacial do santuário terrestre com o celestial, não só carece de provas bíblicas, como nega o testemunho direto que aparece em todas as Escrituras. Como já consideramos em outro lugar, o antigo israelita não precisava comparecer ao lugar santíssimo para estar na presença de Deus, nem tampouco o seu comparecimento espiritual em seu interior eliminava a realidade da existência de véus ou portas que separavam o pátio do lugar santo, e o lugar santo do santíssimo. O mesmo ocorre com o templo celestial na nova dispensação.

A diferença entre o antigo sistema e o novo, não se dá na impossibilidade do acesso a Deus que, segundo esta teoria moderna, agora é concedida sem véus nem portas; mas na conexão direta com o santuário celestial, sem passar pelas sombras e ritos antigos. "O tempo presente", segundo Heb. 9:9, é a nova dispensação, e era simbolizado pelo sistema antigo de acesso a Deus, que agora deve cumprir-se no ministério único de Jesus. O Espírito Santo permite ver que o ciclo anual repetitivo de sacrifícios e intercessões (Heb. 9:6-8; 10:1-4), devia ser interrompido para dar lugar ao único sacrifício que Jesus ofereceu, e ao único ciclo ministerial que Jesus realizava no santuário celestial (Heb. 9:12 e 24-26; 10:10-14, etc.). Isto não quer dizer que durante o sistema antigo o povo não pudesse chegar à presença de Deus, nem entrar como os cristãos o fazem hoje pela fé no interior do santuário, nem tampouco receber perdão como homem pelo sangue do sacrifício, mas que este acesso e perdão jamais seria definitivo até que viesse o seu cumprimento em um ciclo único e correspondente ao sistema anual do santuário israelita.

Com este contexto em mente, podem-se compreender facilmente as declarações de E. White, que ultimamente têm sido utilizadas para negar o valor de outras declarações suas a respeito da existência de véus ou portas no santuário celestial. Em seu comentário sobre Mat.

27:51, ela diz: "O propiciatório, sobre o qual a glória de Deus repousa no lugar santíssimo, está aberto (*nesta dispensação*) a todo aquele que aceita a Cristo como a propiciação pelo pecado, e por Seu intermédio, são trazidos em companheirismo com Deus..." "Um novo e vivo caminho (*cujo ponto final chega até o juízo investigativo no lugar santíssimo*, e) diante do qual não pende véu, é oferecido a todos." Em outras palavras, por sua vitória sobre a morte e o pecado, Jesus pôs em marcha um ministério de salvação que nenhum véu nem porta pode deter, nem no Céu nem na Terra.

"O antigo israelita não precisava comparecer ao lugar santíssimo para estar na presença de Deus, nem tampouco o seu comparecimento espiritual em seu interior eliminava a realidade da existência de véus ou portas que separavam o pátio do lugar santo e o lugar santo do santíssimo."

É bom lembrar que a faculdade de entrar espiritualmente pela fé no lugar santíssimo não é privilégio exclusivo da última geração, mas se estende aos crentes de toda a geração cristã. Os crentes de cada século deviam contemplar as cenas finais do juízo como algo real e vivido em sua vida. Foi este especificamente o propósito da visão do trono de Apocalipse. E foi também a experiência vivida por Estêvão em visão quando era apedrejado. Viu o Filho do homem vindicando sua causa no juízo, "em pé, à destra de Deus" (Atos 7:55 e 56). O próprio fato de em Apoc. 15:5 se abrir "no Céu o templo do tabernáculo do testemunho" ao terminar o tempo da graça, quando os anjos vingadores que derramam as taças da ira de Deus dele saem (ver também Apoc. 14:14 e 15), mostra que durante o ministério precedente de Jesus no lugar santíssimo, havia uma porta fechada como no dia da Expição (Apoc. 3:7 e 8).

"Quando na ascensão Jesus entrou por Seu próprio sangue no santuário celestial..., *a porta pela qual os homens haviam encontrado antes acesso junto de Deus* (na antiga dispensação),

não mais estava aberta. Os judeus se haviam negado a buscá-la pela única maneira em que podia ser encontrado então, pelo sacerdote do santuário do Céu... A porta estava fechada para eles." Em seguida, em 1844, fechou-se "*a porta da esperança e da graça pela qual os homens haviam encontrado durante mil e oitocentos anos acesso a Deus*", e "*outra porta lhes seria aberta*, e o perdão dos pecados" foi "oferecido aos homens pela intercessão de Cristo no lugar santíssimo... *Havia ainda uma 'porta aberta' para entrar no santuário celestial onde Cristo oficiava em favor do pecador*".

Novamente, convém destacar que, embora a visão do juízo fosse motivo de especial atenção no fim do mundo, não se relaciona apenas com a última geração, mas com todas. Na visão do trono de Apocalipse 4 e 5, pode-se ver, da mesma forma que em Heb. 12:22-27, que os cristãos de todos os séculos devem aproximar-se das realidades finais do juízo (cf. Apoc. 4:20) e da cidade celestial prometida (cf. Apoc. 21:22). "vendo" pela fé "as coisas que ainda não se viam" (Atos 11:1, 7, 13 e 27, etc.), e antegozando "os poderes do século vindouro" (Heb. 6:5; cf. 11:20, etc.).

É neste sentido que a visão de Apocalipse 4 e 5 pode ser vinculada com toda a dispensação cristã. Nos selos que o Cordeiro abre no juízo, vê-se que todas as gerações são levadas em consideração diante do tribunal. Por isso, João pôde exibir o que ouviu ao iniciar e terminar o seu livro, relativo às "coisas que devem acontecer brevemente" Apoc. 1:1; 22:6). Ele foi transportado aos acontecimentos do fim e do juízo final, e por meio do seu testemunho, os homens de fé de todas as épocas se aproximam também dessas realidades vindouras, entretecendo-as em sua própria vida como algo real e vivido.

As sentenças dos selos no juízo

A negação moderna da correspondência especial entre o santuário terrestre e o celestial, afeta também a compreensão das visões de João, pois impede de ligar a porta aberta de Apoc. 4:1 com o lugar santíssimo, na conclusão do ministério sacerdotal de Cristo. O argumento é que essa porta se abriu com a morte de Cristo, e não teria sentido tornar a ser

aberta no futuro. Contrariamente, se havia uma porta que devia ser aberta em um dia antitípico do dia da Expição, ao terminar o Seu ministério no santuário celestial, torna-se praticamente impossível associar a visão de Apocalipse 4 e 5 com o ministério de Cristo ao longo de toda a dispensação cristã, salvo no fato de que no juízo são considerados de forma retrospectiva os traços salientes de sua história.

Com efeito, durante a abertura dos selos não se vê a passagem de Cristo do lugar santo para o lugar santíssimo, nem a abertura de outra porta do templo que ligue os dois compartimentos como na visão do trono. Todos os selos são abertos pelo Cordeiro que está diante do trono, e no meio dos quatro seres viventes ou querubins, em correspondência com o lugar santíssimo, segundo o modelo apresentado pelo templo de Salomão. E embora o conteúdo dos selos revele várias etapas da história da igreja e de seu lugar correspondente no santuário celestial, ao ser revelado o sexto selo e a época do juízo, vê-se não o altar do lugar santo, como no selo anterior, mas de novo a visão do tribunal descrito nos capítulos 4 e 5 (Apoc. 6:16). Dessa maneira, confirma-se o processo repetitivo dos selos que, no caso dos últimos, corresponde à própria fase do tribunal.

É interessante observar o que ocorre quando alguns dos selos se abrem no lugar santíssimo. Diante dos fatos, clamores e interrogações humanos, há fatos e vozes celestiais que provêm do juízo, respondendo àqueles clamores, ou tornando audível o relatório da ocasião que passa em revista diante do tribunal. A corte celestial responde ao clamor de vingança dos mártires de Jesus no quinto selo, com a justificação que recebem no juízo. São-lhes dadas roupas, mas lhes é comunicado que descansem um pouco mais, até que se complete o número dos que vão ser justificados como eles (Apoc. 6:9-11; cf. 7:14). As vestes brancas, segundo disse Jesus à igreja de Sardes, são designadas no juízo (Apoc. 3:5). Ao clamor terrestre dos ímpios no sexto selo, de quem poderá afirmar-se em pé ante a visão do trono e da ira do Cordeiro (Apoc. 6:17), responde-se com a obra de selamento dos 144.000 e a salvação da grande multidão que ninguém podia contar, e que estará também em pé diante do trono (Apoc. 7:1-9; cf. 14:1 e 3). Por esta razão, um dos anciãos diz a João: “o Cordeiro que está no meio do trono” [enquanto se realiza o juízo], “os apascentará” (Apoc. 7:17).

Descreve-se assim o comportamento dos que deveriam ser redimidos (cf. Apoc. 6:11).

Conclusão

Embora várias das descrições e dos cânticos que se revelam a João em Apocalipse 4 e 5, possam ser aplicados a mais de uma convocação celestial — devido à universalidade do tema central do louvor, que é a redenção obtida pelo Cordeiro, e a sabedoria divina que idealizou o plano de salvação — o contexto desta visão mostra que o momento mais específico ao qual faz referência, é ao do juízo investigativo. Este juízo era representado pelas cerimônias do dia da Expição.

Com efeito, a passagem do lugar santo para o lugar santíssimo no templo celestial, aparece sincronizadamente várias vezes no Apocalipse. A primeira se dá entre a visão de Jesus no meio dos sete candelabros (Apocalipse 1-3) e Seu comparecimento posterior diante do Pai, numa cena de juízo destinada a tributar honra, glória, poder e louvor para sempre a Deus e a Seu Filho por Sua obra de criação e redenção (Apocalipse 4 e 5). O mesmo movimento se dá no testemunho das testemunhas que estão identificadas com o lugar santo durante o período de grande tribulação dos 1.260 anos (Apoc. 11:3-11 = candelabros), para em seguida ser vindicados com a abertura do original celestial no lugar santíssimo. Uma mesma cadeia terminológica une ambas as passagens, com a voz de Jesus que convida para subir ao trono de Deus no lugar santíssimo, e a dar-Lhe glória (Apoc. 11:12; 4:1; ver Apoc. 14:7).

Esta passagem do lugar santo para o santíssimo é de novo percebida na descrição do quinto e sexto selos que Jesus abre no lugar santíssimo, e entre o soar da sexta e sétima trombetas. No quinto selo, ligam os mártires do período da grande tribulação com o altar do lugar santo, e no sexto se relacionam os sinais do tempo do fim com as imagens do trono, reveladas nos capítulos 4 e 5 (Apoc. 6:16 e 17). O som da sétima trombeta volta novamente à visão inicial do trono com os 24 anciãos no lugar santíssimo, depois de ter sido destacado o altar do lugar santo na revelação da sexta trombeta (Apoc. 11:15-19; 9:13).

Se os 24 anciãos são convocados na inauguração do santuário celestial, torna-se difícil então o fato de que estão sentados sobre tronos e possuem já coroas, antes do aparecimento do Cordeiro. É mais fácil entender isso, contudo, se se trata de Seu aparecimento ao terminar Seu ministério sacerdotal. Eles e os quatro seres viventes aparecem em relação com a conclusão do ministério de Cristo no santuário celestial (Apoc. 11:15-19; 15:5-7). Em nenhum caso se ouve a voz do Pai dizendo, como na inauguração: "Todos os anjos de Deus O adorem" (Heb. 1:6), mas só os seres celestiais vindicando o Pai, o Filho e os remidos (Apoc. 5:11-14).

Por sua vez, chama a atenção o fato de o Cordeiro não figurar sentado-Se no trono de Seu Pai, mas *vindo* e tomando o livro que O identifica como rei no lugar santíssimo, e permanecendo de pé (Apoc. 5:6). Ele já Se havia sentado com Seu Pai em Seu trono por ocasião da inauguração do santuário celestial, no início da era cristã, após Sua ascensão (Apoc. 3:21; Heb. 1). Com efeito, a cena não revela em Apocalipse o ato inaugural de Cristo como sumo sacerdote celestial, pois o Cordeiro aparece abrindo o livro da herança, como se fazia em contextos de juízo, não o selando como se fazia quando se pagava um preço (Jer. 32:9 e 10). Este livro é

o livro da lei ou do pacto, isto é, a Bíblia em si, a qual contém o essencial da revelação divina com relação às providências de Deus a respeito de Seu povo e do mundo (Isa. 34:16 e 17; Sal. 139:16; Dan. 10:21; Sal. 40:6-8; Heb. 10:6-9).

Não é demais destacar de novo que o que Deus revela a João sobre o santuário celestial, não é uma combinação descuidada e desordenada de móveis, compartimentos e eventos. Tudo tinha um propósito definido, só decifrável mediante uma correta compreensão das imagens similares das instituições terrestres. João viu o próprio templo de Deus, o "modelo" que inspirou Moisés e Davi a construírem o templo terrestre.

Esta mensagem, que não é exclusiva da época final, pois faz parte do "evangelho eterno" (Apoc. 14:6 e 7), pode ser recuperada apenas quando o intérprete do século XX se liberta de todo preconceito grego com relação à natureza das realidades celestiais, aí incluídas as do santuário celestial e seu funcionamento em dois compartimentos básicos: o santo e o santíssimo (ver I Cor. 1:18-25).

Nota: Deixamos de acrescentar a bibliografia, pelos mesmos motivos já apresentados nos dois últimos números desta revista.

Sermões e Esboços

O esqueleto humano não é bonito, mas é grandemente necessário. É ele que mantém erguido o corpo. O mesmo acontece com o esboço ou esqueleto do sermão.

Sem aquele, este não permitirá que o pregador tenha um bom desempenho.

Os ossos costumam repelir, mais do que atrair. Recuamos diante do olhar repulsivo de uma caveira. Usamos os esqueletos para assustar as pessoas. Falamos dos “esqueletos assombrosos que estão dentro de nossos armários”, indicando que esqueleto é algo de que devemos fugir, que devemos evitar.

Os ossos não atraem. Contudo, ponhamos sobre eles pele e músculos, e os acharemos bonitos. Na verdade, sem os ossos, a pele e os músculos do atleta perfeitamente simétrico e da mulher bonita cairiam por terra, uma massa inútil e sem atrativo. Os esqueletos não são bonitos, mas não há beleza humana alguma sem eles.

Na pregação, denominamos de *esqueleto* o esboço ou organização do sermão. Nesse esqueleto, penduramos os músculos de nossa evidência bíblica, de nossos argumentos lógicos e conteúdo prático. Depois, acrescentamos a pele de nossa elocução, e chamamos a isso sermão.

Muitas vezes, como pregadores, somos tentados a considerar o conteúdo e a elocução muito importantes, enquanto consideramos o esqueleto ou esboço do sermão menos importante e mesmo desnecessário. Convém lembrar que os músculos e a pele são de pouco valor sem os ossos.

Vejamos três aspectos nos quais o esqueleto do sermão se assemelha ao esqueleto humano:

1. *Ambos são necessários.* — Os ossos fazem o corpo funcionar, e a boa organização faz o sermão funcionar.

A boa organização ajuda os ouvintes a ficarem atentos. A diferença entre uma refeição de cinco espécies diferentes de alimento, e uma salada, é a organização. Quem vai almoçar, prefere que a cozinheira sirva tira-gosto, sopa, salada, o prato quente e sobremesa separadamente e na ordem certa. Se a cozinheira misturasse todos os ingredientes, isto alteraria as cinco variedades, que seriam servidas como salada; e as pessoas reclamariam.

A natureza humana instintivamente requer ordem. Na verdade, ouvir um sermão desordenado pode frustrar de tal forma a dona-de-casa que tenha um lugar próprio para cada coisa em sua cozinha, e o homem que guarda suas ferramentas numa ordem certa na carpintaria, que eles deixam escapar a mensagem; e perdem a bênção.

A boa organização ajuda os ouvintes a entenderem. Observe os capítulos de um livro ou os artigos de uma revista. Quase que invariavelmente, os subtítulos dividem e simplificam o conteúdo. Se os escritores usam esqueletos para tornar mais inteligíveis suas obras literárias, é natural que os pregadores o façam também. Os leitores podem voltar e reler o que se lhes escapou ou entenderam mal. Os ouvintes, não.

Assim, o ponto alto do sermão não deveria estar inteiramente desvinculado daquilo que veio antes. Pelo contrário, cada parte deve aumentar a compreensão do ouvinte por meio da explicação dos pontos anteriores.

A boa organização ajuda os pregadores a se-

Floyd Bresee
Secretário associado da revista
“Ministry”

rem lógicos. Organizar um esboço obriga o pregador a saber que idéia constitui a árvore, qual a que constitui o galho da árvore, e qual a que serve de ramo do galho.

A boa organização ajuda tanto aos pregadores quanto aos ouvintes a se lembrarem — o que apresenta vantagens adicionais. O pregador pode pregar um sermão com um esboço simples, fácil de lembrar, quase sem anotações. E, quando os ouvintes vão embora, lembrando-se do esboço do sermão, ou de parte dele; o sermão continua com eles por muito tempo.

2. *Ambos estão ocultos.* — Os esqueletos são indispensáveis à beleza humana, mas você não os exhibe para cá e para lá. Antes, fará aparecer os músculos e a pele. O esqueleto é indispensável ao sermão, mas você não deixará que muita coisa dele seja percebida. Ao contrário, dará atenção ao conteúdo e à elocução.

Torne as lições do seu sermão, em lugar dos tópicos do seu sermão, hábeis e incomuns. Evite tópicos como “Osso da Perna”, “Osso do Peito”, “Osso da Coluna” e “Comentarista”, “Ditador”, “Hesitante”. Só use esses tópicos se eles disserem precisamente o que você quer dizer — não apenas porque são preciosos. Mesmo a aliteração (“Permanência”, “Preço”, “Poder”) pode ser levada ao excesso.

A sutileza é boa, mas é secundária. A clareza deve vir sempre em primeiro lugar. Seus ouvintes necessitam de idéias elevadas, expressas com simplicidade e aplicadas de maneira prática.

3. *Ambos são variáveis.* Os esqueletos humanos variam grandemente — desde o alto até o baixo, do largo ao estreito. Os esqueletos do sermão, que variam consideravelmente de semana para semana, ajudam a evitar que os ouvintes se cansem de seus pregadores.

Varie a maneira de efetuar mudanças em seus sermões. As opções incluem:

1. Numérica — “Primeiro, ...”, “Segundo, ...”, “Terceiro...”

2. Retórica — “Por que Deus nos Ama?” “Ama Ele mais os cristãos do que os não cristãos?”

3. Expositiva — Leia a parte seguinte do texto ou passagem.

4. Geográfica — “Cenáculo”, “Getsêmani”, “Pátio de Caifás”.

5. Ou simplesmente anuncie cada divisão — “A seguir, vejamos...” Os ossos não são bonitos, mas não existe beleza humana sem eles. Quando for pregar novamente, reforce seu conteúdo espiritual e exposição entusiasta com um esqueleto simétrico que ajudará a carne do seu sermão a atrair seus ouvintes para Jesus.

Vencendo o Cansaço da Itinerância

Mudar-se a cada dois anos é bastante desagradável. Todavia, as famílias dos evangelistas fazem isto a cada dois meses. Como agir com relação ao cansaço?

Eu era aluna do último ano de colégio e trabalhava na secretaria do Washington Missionary College (agora Columbia Union College), quando Roberto, meu futuro esposo, entrou de repente no escritório. Muito excitado, ele contou: "Recebi um chamado para a Associação da Flórida!"

No dia seguinte, o presidente da Associação de Ohio o convidou para trabalhar ali. "Que faremos?" perguntou ele um tanto perplexo. "Aceitaremos o chamado para a Flórida ou Ohio?" Oramos sobre a decisão, pedindo a Deus que nos desse um sinal definido.

Depois da formatura e do casamento, partimos confiadamente para Ohio, com a certeza de que Deus havia respondido nossas orações. E realmente Ele o havia! Fomos indicados para ajudar em uma grande série de conferências da cidade, dirigida por R. A. Anderson, um dos conferencistas mais notáveis que a Igreja Adventista do Sétimo Dia já produziu.

Creio que Deus desejava que estivéssemos em Ohio naquela ocasião, pois durante aquela campanha tivemos uma visão do evangelismo público. Durante vários anos depois disso, servimos a Deus no evangelismo público. E embora tenhamos trabalhado muitos anos em outros ramos da obra denominacional, ainda vemos nosso trabalho com olhares de evangelistas.

A esposa de um evangelista itinerante encon-

tra prazer e satisfação em trabalhar com o marido na conquista de almas, mas a posição que ela ocupa possui também perigos de desânimo e frustração. Conseqüentemente, a igreja deve preocupar-se com o moral das famílias de seus evangelistas.

"As organizações empregadoras, as igrejas nas quais os evangelistas servem e os próprios evangelistas podem fazer muito para aliviar a tensão que a itinerância coloca sobre suas esposas e familiares."

Por causa da importância deste trabalho e das necessidades daqueles que nele estão envolvidos, programamos um seminário intitulado "Desenvolvendo um Sistema de Apoio Para as Famílias do Itinerante", para o concílio de evangelismo realizado em dezembro de 1986. Para obter dados informativos, consulte os evangelistas da Associação e os secretários ministeriais e suas esposas.

As organizações empregadoras, as igrejas nas quais os evangelistas servem, e os próprios evangelistas, podem fazer muito para aliviar a tensão que a itinerância coloca sobre suas es-

Marie Spangler
Professora aposentada

posas e familiares. Todavia, algumas dessas tensões ainda permanecerão. Basicamente, as atitudes que a esposa de um evangelista revela, e as escolhas que ela faz, determinarão como se conduzirá ela em relação com a conselheira de sua posição. Ela pode reduzir essa conselheira e aumentar a satisfação desse tipo de trabalho, pondo em prática as cinco sugestões que seguem:

1. *Desenvolver um senso de valor próprio.* Sua auto-imagem afeta seu comportamento, atitudes, produtividade e os êxitos básicos da vida. Ellen White diz-nos que “o valor do mundo inteiro perde o seu significado, em comparação com o valor de uma alma humana”.¹

Deus nos valoriza porque nos criou. Em I João 3:1, Ele nos chama de Seus filhos e filhas. A reputação do desenhista determina o valor da roupa. Como a costureira vê sua etiqueta em uma roupa, representando-a como seu original, assim vê Deus Sua etiqueta em cada alma que Ele traz à vida. Pelo fato de cada um de nós ser um original Seu, possuímos valor eterno.

O fato de que Ele deu Seu Filho para morrer em nosso favor, revela quanto Ele nos valoriza: “O valor do homem só pode ser conhecido ao irmos ao Calvário. No mistério da cruz de Cristo, pode-se calcular o valor do homem.”²

Uma vez que Deus nos considera tão valiosos, não espera Ele que nos valorizemos convenientemente? A resposta é clara. “Cristo pagou por nós um infinito preço, e de acordo com o preço pago, deseja Ele que nos valorizemos a nós mesmos.”³ “O Senhor fica desapontado quando Seu povo estabelece para si mesmo uma baixa estima. Ele deseja que Sua escolhida herança se valorize de acordo com o preço que pagou por ela.”⁴

Em sua carta a Timóteo, Paulo adverte contra o outro extremo — que ele disse se tornaria um problema nos últimos dias. “Porque haverá homens amantes de si mesmos, avaros, presunçosos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos” (II Tim. 3:2). Suas palavras descrevem as pessoas interessadas em seguir seus próprios caminhos, sem considerar a Cristo ou aos Seus seguidores. Ellen White mostra como podemos encontrar o equilíbrio adequado: “Conquanto não devamos julgar-nos mais do que o devido, a Palavra de Deus não condena o justo respeito próprio. Como filhos e filhas de Deus, devemos ter conscienciosa dignidade de caráter, na qual não tem lugar o or-

gulho nem a presunção.”⁵

Termos para com nós mesmos esta espécie de consideração, não significa sermos orgulhosos de nossos bens ou talentos ou daquilo que fazemos. Não significa considerar-nos melhores do que os outros. Significa apenas que vemos a nós mesmos através dos olhos de nosso Senhor Jesus Cristo. Um respeito sadio por nós mesmos, é o resultado de amarmos a Deus e aceitar o Seu amor por nós do ponto de vista pessoal.

2. *Estabelecer as prioridades.* — “Estabelecer prioridades — dar preferência aos objetivos mais importantes — separa as pessoas bem-sucedidas do resto da população.”⁶ Envolve pôr em ordem os pequenos e os grandes objetivos, dar prioridade às atividades e administrar o tempo.

A esposa de um ministro disse que cria realmente que o telefone fosse a orientação de Deus para sua vida cada dia. Aqueles que telefonavam estabeleciam suas prioridades. Ela temia que se não fizesse tudo o que dela era requerido, alguém pudesse achar que ela não estivesse desempenhando sua função.

Se não estabelecermos nossas próprias prioridades, acharemos fácil transigir com estas interrupções. E, quando as exigências dos outros determinam nossas prioridades, encontramos pouca satisfação. Quando fazemos o melhor que podemos para descobrir e seguir a vontade de Deus, não precisamos preocupar-nos com o que outros pensem ou digam — pois Deus diz: “Não te deixarei, nem te desampararei” (Heb. 13:5). Assim, podemos dizer com confiança: “O Senhor é o meu ajudador, e não temerei o que me possa fazer o homem” (verso 6).

Gail Sheehy fez uma pesquisa com 60 mil pessoas com idades que variavam entre 18 e 80 anos, e entrevistou várias centenas de indivíduos. “A única coisa constante na vida das pessoas que apreciam o bem-estar elevado”, disse ela, “era o devotamento a alguma causa ou propósito que se achava além delas próprias.”⁷

Qualquer artesão que molda um bolo de barro informe, dirá a você que o segredo para se fazer boa cerâmica é a “concentração”. Uma vez que você centraliza o barro na roda, pode fazer com ele o que desejar. Como o oleiro que manuseia o barro, a esposa do evangelista ou pastor enfrenta inúmeras pressões que procuram dar a sua vida este ou aquele sentido. Pode ser que ela não consiga controlar as pressões que

sua função produz. Uma vez, porém, que ela “se concentre” em um propósito, pode escolher *como viverá*.

Você deve dar ao Senhor sua principal prioridade. Uma mulher de noventa e sete anos de idade contou a seu pastor que havia visitado a Casa Branca e apertado a mão de Abraão Lincoln. Por causa dessa experiência, ela achava que conhecia o presidente Lincoln. Contudo, o filho pequeno de Lincoln podia invadir a sala de seu pai, saltar-lhe nos joelhos e dar-lhe um beijo quando quisesse. O filho de Lincoln era quem *realmente* o conhecia.

A esposa do ministro pode experimentar esta espécie de relacionamento com o Senhor, se zelosamente passar com Ele um quieto espaço de tempo cada dia. Ele nos pede: “Aquietai-vos, e sabeí que Eu sou Deus” (Sal. 46:10). “Na oração, Deus pára a fim de beijar o homem, de abençoar o homem, e ajudar em tudo o que Deus pode imaginar, ou o homem possa necessitar.”⁸

Maravilhoso! Isto abrange todas as coisas!

Uma vez que tenhamos assegurada a resposta a nossas necessidades espirituais, “nosso primeiro dever para com Deus e os nossos semelhantes é o do desenvolvimento pessoal”.⁹ Além do aspecto espiritual, devemos procurar desenvolver e manter os aspectos mental, físico e social do nosso ser.

Alguém disse que se as mulheres gastassem tanto tempo pensando a respeito da vida — seus propósitos, alvos, planejamentos, etc. — quanto o fazem pensando em comida, seriam muito mais produtivas. O tempo gasto cada dia cheirando rosas, dando uma caminhada, lendo um bom livro, ou realizando uma atividade predileta é tempo bem empregado.

3. *Cultivar uma atitude positiva.* — Norman Vincent Peale nos lembra que há apenas duas maneiras de vermos uma coisa — positiva ou negativa. M. Scott Peck diz-nos que ter uma visão realista da vida requer que nós resistamos ao fato de que a vida é difícil. Uma vez que admitamos isto, deixamos de notar quão difícil ela é, e ela não mais tem importância para nós. Ele vai mais longe, ao dizer: “Os problemas suscitam-nos a coragem e sabedoria; na verdade, eles criam nossa coragem e sabedoria. É apenas devido aos problemas que crescemos mental e espiritualmente.”¹⁰

Carrie Ten Boom, a alemã que sofreu nos campos de concentração por ter ajudado os ju-

deus a escaparem dos nazistas, disse: “Sei que as experiências da vida, quando permitimos que Deus as utilize, tornam-se a misteriosa e perfeita preparação para a obra que Ele nos dará para fazermos.”

Uma das mulheres que respondeu o nosso questionário, declarou que muitas queixas surgem de um senso de compadecimento pessoal. Quando mantemos uma atitude positiva que se centraliza nos privilégios, é-nos muito mais fácil viver, e promovemos nossa própria saúde e a de todos aqueles que nos cercam.

4. *Ser moldáveis.* — Os sinônimos do verbo *adaptar* incluem *ajustar, acomodar, conformar, ceder e harmonizar*. As esposas dos evangelistas podem identificar-se com estes. Para elas, ser adaptáveis quer dizer submeter-se a Deus e confiar em Sua orientação. Algumas, por natureza, acham mais fácil adaptar-se do que outras, mas no final todas nós devemos agir de conformidade com a vida. Durante os primeiros 20 anos de nossa vida matrimonial, meu marido e eu nos mudamos 35 vezes. Não foi fácil. Aprendi que três pares de cortina deveriam proteger as janelas da sala de visitas e da sala de jantar em quase todas as casas por que passamos. E que o removedor doméstico mais importante é aquele que remove uma multidão de pecados!

Como acontece com o barro nas mãos do oleiro, a esposa do evangelista também é pressionada, mas a concentração poderá levá-la a escolher a maneira como viverá.

Booker T. Washington disse certa vez: “O sucesso deve ser medido não tanto pela posição que alguém alcançou na vida, mas pelos obstáculos que transpôs ao procurar chegar ao sucesso.”¹¹ Uma borboleta consegue forças para voar abrindo caminho por entre as paredes de seu casulo. Como as muitas lagartas nos casulos, continuaremos sendo vermes invertebrados, a menos que flexionemos os músculos do nosso caráter contra as paredes das dificuldades e sofrimentos.

Quando estive na Terra, Cristo precisou fazer uma porção de adaptações, mas “aprendeu

a obediência pelas coisas que sofreu” (Heb. 5:8). Nos momentos de adversidade ou tensão, Ele nos convida a “permanecer em Mim” (João 15:4). Ele diz: “Vinde a Mim... e Eu vos aliviarei” (Mat. 11:28 e 29). Ele nos lembra que devemos repousar e esperar pacientemente por Ele (Sal. 37:7), pois na quietude e confiança estará a nossa força (Isa. 30:15).

As constantes mudanças às quais devemos adaptar-nos como esposas de ministros, beneficiam-nos, se nos levam a procurar refúgio em nosso Pai celestial. Dessa forma, obtemos o apoio espiritual necessário para ajudar-nos a lidar com a tensão. Com o auxílio de Deus, qualquer situação difícil pode tornar-se um meio de galgar uma experiência maior.

5. *Confiar em Deus.* A cidade de Kiev, na Rússia, possui um monumento impressionante. Ele foi erigido em honra aos 100 mil judeus a quem os nazistas trucidaram, durante a II Guerra Mundial. No alto do monumento está uma estátua representando uma mulher com as mãos para trás, tentando amamentar o seu filhinho nos

instantes finais de vida. Mesmo em face da morte, ela só pensa nas necessidades de seu filho.

“Acaso pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, Eu, todavia, não Me esquecerei de ti” (Isa. 49:15). “Se vos abandonardes em Suas mãos, Ele vos tornará mais que vencedores por Aquele que vos amou.”¹²

1. Ellen G. White, *Counsels to Writers and Editors*, pág. 126.

2. _____, *Testimonies*, vol. 2, pág. 635.

3. _____, *Ministry of Healing*, pág. 498.

4. _____, *Desire of Ages*, pág. 668.

5. *Mente, Caráter e Personalidade*, vol. 1, pág. 260.

6. Sybil Stanton, *The Twenty-Five Hour Woman* (Old Tappan, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1986), pág. 151.

7. *Idem*, págs. 46 e 47.

8. Dick Eastman, *Hour That Changed the World* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, n.d.).

9. Ellen G. White, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 15.

10. M. Scott Peck, *The Road Less Traveled* (Nova Iorque: Touchstone Books, 1980).

11. Stanton, pág. 55.

12. Ellen G. White, *Caminho Para Cristo*, pág. 72.

Reflexologia: Medicinal, Inofensiva, ou Perigosa?

Cristalizam-se nos pés os pontos de todas as Doenças? É a reflexologia um tratamento completo?

O paciente senta-se confortavelmente em posição reclinada, pés, tornozelos e membros inferiores descobertos e estendidos. Um reflexologista examina-lhe os pés e, ora com força, ora suavemente, pressiona e massageia a planta, primeiro de um pé, depois do outro. Presta toda a atenção a certos "reflexos" nos quais a sensibilidade revela "depósitos de cristais", indicando uma "circulação lenta" em um órgão, em algum lugar distante, do corpo.

O reflexologista pretende restabelecer a circulação dos órgãos enfraquecidos ou enfermos. Supostamente, liberta as propriedades curativas da Natureza, encontradas no organismo, restaurando o equilíbrio e a saúde ao paciente.

Notamos hoje que se dá muito realce aos remédios naturais. Parte da atração da reflexologia está em sua base de ação supostamente "natural". "Lembre-se", diz um escritor, "[a reflexologia] é o processo da Natureza, e o processo da Natureza é o processo de Deus; e creio que com Deus ao seu lado você não pode errar!"¹

Bem no início da história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen White reconheceu a natureza psicossomática de muitas doenças. "As enfermidades mentais prevalecem por toda parte. Nove décimos das doenças de que padecem os homens têm aí sua origem."²

Isto representa também um tema comum em

reflexologia. "Sim, eles nos dizem que cerca de 80 por cento de todas as doenças de que sofremos hoje são decorrentes de tensão e emoções. Portanto, se nós, por meio de massagem compressora dos pés, somos capazes de aliviar a tensão e relaxar a pessoa, não estamos sendo usados como instrumentos nas mãos de Deus? E o importante com respeito a esta maneira de restaurar a saúde é que ela é muito superior às drogas, que nos anos posteriores deixam suas marcas."³

Ellen White escreveu acerca do valor dos remédios naturais. "Ar puro, luz solar, abstinência, repouso, exercício, regime conveniente, uso de água e confiança no poder divino — eis os verdadeiros remédios. Toda pessoa deve possuir conhecimentos dos meios terapêuticos naturais, e da maneira de os aplicar... O uso dos remédios naturais requer certo cuidado e esforço que muitos não estão dispostos a exercer. O processo da Natureza para curar e construir, é gradual, e isso parece vagaroso ao impaciente."⁴

A literatura da reflexologia expressa idéias semelhantes. "Vivemos numa sociedade dirigida por droga, e por isso nossa nação está em desordem hoje. Se a maioria dos médicos levasse os pacientes a abandonarem as drogas e a confiarem mais nos remédios naturais, acho que verificaríamos uma mudança maior em nossa nação, uma mudança para melhor... Se mais pacientes falassem com seus médicos so-

Dr. Elvín Adams
Diretor-associado do
Departamento de Saúde e Temperança.

bre os remédios naturais e sua relação com o cuidado preventivo da saúde, acho que mais médicos emprenderiam um esforço maior no sentido de praticar a medicina preventiva.”⁵ Para o reflexologista, contudo, remédio natural é uma massagem no pé, em lugar dos itens mencionados em *A Ciência do Bom Viver*.

Raízes antigas

A reflexologia tem raízes na antiguidade. Ela remonta à cultura oriental, e pode ter sido praticada cerca de 3000 anos A.C. “O modelo básico de fluxo de energia é reconhecido em todos os ramos de cura natural — acupuntura, Shiatsu, terapia de área, reflexologia e terapia de polaridade.”⁶ O pai da reflexologia moderna foi o Dr. William Fitzgerald, que dividiu o corpo verticalmente em dez regiões, cinco do lado direito e cinco do lado esquerdo.

De acordo com o reflexologista, a massagem dos pés pode determinar a condição de todos os órgãos e levar a um correto diagnóstico da doença. Através da massagem dos pés, pode-se melhorar as funções de todos os órgãos do corpo. “A reflexologia dos pés é o estudo dos reflexos, no pé, que correspondem a todas as partes do corpo... A reflexologia é a prática excitante e eficaz que, conforme seu objetivo, visa estimular todo o organismo, incentivando o retorno à homeostase de um extremo ao outro de todos os complexos sistemas do corpo.”⁷

A descrição da base teórica da reflexologia continua: “Os reflexos nos pés são, na verdade, ‘reflexões’ das partes do corpo. Sua localização e relacionamento umas com as outras nos pés, permitem um modelo anatômico lógico que se assemelha bem de perto ao do próprio corpo. A premissa de que os reflexos dos pés correspondem à anatomia de todo o corpo, é simples: a imagem física real do corpo projeta-se sobre eles. Essa imagem é organizada com o uso da teoria da zona.”⁸

Os mecanismos são descritos assim: “Há condutos da energia que circula pelo corpo; cada órgão e músculo importante está ligado por uma rede de nervos a um pequeno ponto dos pés onde termina a energia... Formam-se depósitos cristalinos nas terminações nervosas. Ao se massagearem os pés, comprimindo-os com

força, os depósitos se partem, estimulando todo o organismo a se manter ativo até sua máxima eficiência... A desobstrução das vias da energia resultou [sic] na restauração da vitalidade, do equilíbrio, no desaparecimento dos sintomas da doença, e na conseqüente restauração da saúde.”⁹

Outro autor, falando sobre reflexologia, explica o sistema: “As energias vitais do organismo circulam ao longo dos condutos, e podemos interceptá-las em uns 800 pontos do corpo... As mãos, bem como os pés, contêm ‘botões de reflexo’ que estão ligados a todos os órgãos e glândulas. Quando estes centros de reflexo são massageados, enviam uma onda estimulante de novo vigor a qualquer parte do corpo com a qual estão relacionados; imediatamente, e com efeitos parecidos com os que sentimos, procedentes dos medicamentos. Estamos corrigindo a falta de equilíbrio nesse fluxo primário e, desse modo, ajudando a natureza a efetuar a cura.”¹⁰

A reflexologia tem sido exercida por dedicados praticantes, que buscam com ardor uma participação junto aos praticantes de reconhecidas disciplinas do cuidado da saúde. Eles, porém, singularmente não têm conseguido prover qualquer evidência objetiva para sua teoria, que não seja a designação anedótica de benefício. Nas principais obras sobre reflexologia, a mais forte explicação dada é a declaração de que “os testemunhos provam as obras da reflexologia. Posso apresentar-lhes não apenas centenas, mas milhares, de cartas que recebo pelo correio, de pessoas de todas as partes do mundo, falando dos maravilhosos resultados obtidos por usarem o método simples de massagem reflexa”.¹¹

Nenhuma evidência aceitável

Infelizmente, os testemunhos apenas, não constituem evidência satisfatória. As premissões básicas da reflexologia estão erradas. Os neurocirurgiões e os anatomistas assinalaram todos os ramos significativos, gânglios e segmentos dos componentes do sistema nervoso central e periférico. As maiores concentrações de tecido nervoso aparecem no cérebro e coluna vertebral. Todos os dedos das mãos e dos pés,

os braços, pernas e órgãos — na verdade, todos os pontos do corpo — têm uma representação no cérebro, não nos pés. Não existe nenhuma ligação de “reflexo” neurológico entre os pés e qualquer órgão principal do corpo.

Os neurocirurgiões e anatomistas não confirmam os ensinamentos da reflexologia, com respeito a estarem nos pés os pontos que determinam a existência de certas enfermidades do corpo humano.

As doenças que se processam nos vários sistemas orgânicos não produzem depósitos cristalinos nos pés. Os depósitos cristalinos ocorrem nos pés na doença da gota, na osteoartrite e em alguns outros casos. O diabetes, ataque cardíaco, retina solta, depressão, ou úlcera péptica não produzem cristais nos pés. O reflexologista, contudo, crê que qualquer doença ou função adversa em algum órgão do corpo, produz depósitos cristalinos em um ponto da sola dos pés. Os anatomistas, fisiologistas, psicoterapeutas, médicos e aqueles que se dedicam à ciência básica, demonstraram claramente que não é este o caso.

Mais alarmante ainda é a lista de enfermidades e estados que os reflexologistas esperam tratar com o suposto benefício. Embora nenhum dano significativo possa ocorrer por se receber uma massagem dos pés em circunstâncias repousantes, se alguém confia de maneira indevida nesse processo e, dessa forma, evita consulta médica ou cirúrgica confiável, então a demora pode resultar em enfermidade ainda mais grave ou morte.

Uma lista parcial de condições físicas que a reflexologia diz tratar com eficiência, inclui convulsão, fratura do crânio, ataque cardíaco, diabetes, hipoglicemia, hiper e hipotireoidismo, asma, problemas dos rins, pedras na vesícula, doenças do fígado, incontinência da bexiga, hemorróidas, neurite, herpes-zoster, fibroma, artrite, alcoolismo, catarata e o resfriado comum. A lista de estados de saúde supostamente auxiliados pela reflexologia vai além da tratada por todas as várias disciplinas da medicina.

“Você não mais precisa viver com medo das

denominadas enfermidades incuráveis”, diz um autor. “Nada é incurável — as doenças são o resultado do mau funcionamento das células e da imperfeição dos tecidos do corpo, devidos aos meios antinaturais de vida... Pesquiso constantemente novos métodos de saúde natural e, quando encontrar um melhor do que os métodos positivos e simples da reflexologia, trarei esse método a você.”¹²

A reflexologia diz também influenciar a mente e o desenvolvimento da percepção extrasensorial (ESP). “À noite, antes de deitar-se, tome um alfinete e lhe esfregue a cabeça suavemente na linha cruzada do dedo médio, começando no centro onde passa a linha vertical, esfregue em uma só direção. Se você esfregar do centro do dedo para o anelar ou quarto dedo, você sonhará com o futuro. Se você encostar a cabeça do alfinete levemente no dedo indicador na direção esquerda, você sonhará com o passado... Faça isso meia hora antes de ir para a cama... Estamos usando aqui massagem reflexa para ajudar-nos a desenvolver energia psíquica, capacitando assim a ter contato com ‘Percepção Cósmica’ e usá-la, e àquele Oceano Universal de Sabedoria que nos rodeia a todos.”¹³

Por suas antigas raízes místicas, a reflexologia muitas vezes contém também um pouco de panteísmo. “Vosso corpo é um instrumento ou veículo através do qual o princípio de vida, ou Deus, é expresso. Toda pessoa que anda na terra é Deus, ou a vida, em manifestação.”¹⁴

Todas as coisas possíveis?

Introduzir estas sublimes qualidades místicas eternas em nós mesmos através da reflexologia, torna supostamente possível todas as coisas. “Podeis aprender a usar a totalidade das energias de vossa reflexão ESP, de maneira que possais conseguir o que desejais da vida.”¹⁵

Um livro sobre reflexologia diz que o rejuvenescimento se torna possível com a reflexologia, e cita até a Escritura em apoio. “Alguns dos antigos mestres muitas vezes falam de casos de rejuvenescimento, mas seus relatos não têm sido compreendidos. ‘Sua carne se reverdecerá mais do que na sua infância, e tornará aos dias da sua juventude.’ Quem enche a tua boca de

bens, de sorte que a tua mocidade se renova como a águia' (Jó 33:25; Sal. 103:5).

"O corpo do homem é uma materialização dos gases invisíveis do ar, que se compõe de átomos eletrolisados e inteligizados. O homem corresponde em cor, número e vibrações ao sistema solar, no instante do seu nascimento. O homem (você) se corporifica em uma prisão de matéria, e a mente do homem é inseparável dos elementos cósmicos.

"Sua mente pode exercer, e exerce, controle sobre seu corpo, e, assim que você crê, há esperança para sua saúde ser restaurada, e você começa a usar os meios naturais dados por Deus para voltar os ponteiros do relógio; então 'tua mocidade se renova como a águia'."¹⁶

No máximo, a reflexologia é uma fricção relaxante dos pés. Algumas pessoas podem gostar dos tratamentos da reflexologia e achar que recebem benefícios destes. Devemos observar, contudo, que as teorias da reflexologia conflitam com as verdades fundamentais da anatomia, fisiologia, psicologia, e o tratamento das enfermidades. Além disso, o uso da reflexologia identifica a pessoa com conceitos da natureza humana que colidem com a verdade cristã.

No começo da história adventista do sétimo dia, Ellen White advertiu contra estas disciplinas: "Estes instrumentos satânicos pretendem curar a doença. Atribuem seu poder à eletricidade, ao magnetismo, ou aos chamados 'remédios de simpatia', ao passo que, na verdade, são nada mais que veículos das correntes elétricas de Satanás. Por estes meios, lançam seu encantamento sobre corpos e almas de homens."¹⁷

E quanto a todas as centenas e milhares que dão testemunho acerca dos benefícios da reflexologia? Podemos ignorar-lhes a experiência? Ellen White faz comentários a respeito dessa espécie de benefício ao dizer: "Aqueles que se

entregam à bruxaria de Satanás podem vangloriar-se do grande benefício recebido dessa forma; prova isto, porém, que sua conduta é sábia ou segura? E se a vida tiver que ser prolongada? E se a conquista temporal dever ser assegurada? Valerá a pena, no fim, desatender a vontade de Deus? Todas estas aparentes conquistas se mostrarão, no fim, uma perda irreparável. Não podemos com a impunidade demolir uma única barreira que Deus erigiu para guardar Seu povo do poder de Satanás."¹⁸

E quanto a todas as discordâncias entre a teoria da reflexologia e a ciência da anatomia e da fisiologia? Será a grande quantidade de evidência acumulada pela ciência desprezada em favor da desacreditada teoria da reflexologia? Ellen White fala sobre isso também: "Toda verdade, quer na Natureza quer na revelação, é coerente consigo mesma em todas as suas manifestações."¹⁹

A teoria da reflexologia entra em conflito fundamentalmente com o grande acervo de conhecimento apresentado pelas mais diversas disciplinas científicas e de súde.

1. Maybelle Segal, *Reflexology* (Hollywood, Califórnia: Melvin Powers Wilshire Book Company, 1976).

2. Ellen White, *Testimonies*, vol. 5, pág. 444.

3. Segal, *op. cit.*

4. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 127.

5. Segal, *op. cit.*

6. Kevin and Barbara Kunz, *The Complete Guide to Foot Reflexology* (Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, Inc., 1982).

7. *Ibidem*

8. *Ibidem*

9. Kaye and Matchan, *op. cit.*

10. Mildred Carter, *Hand Reflexology: Key to Perfect Health*, (West Nyack, Nova Iorque: Parker Publishing Company, Inc., 1975)

11. *Ibidem*

12. *Ibidem*

13. *Ibidem*

14. *Ibidem*

15. *Ibidem*

16. *Ibidem*

17. Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 609.

18. Ellen G. White, *Testimonies*, vol. 5, pág. 199.

19. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, pág. 40.

Você sabe o que é Justificação Pela Fé?

SIM

NÃO

Morris L. Venden

95

**TESES
SOBRE
JUSTIFICAÇÃO
PELA FÉ**

O livro "95 Teses Sobre a Justificação Pela Fé", do autor Morris Venden, é a forma mais clara para a compreensão da Justificação Pela Fé. A obra contém 95 declarações concisas que ajudarão o leitor a compreender a importantíssima verdade bíblica.

Esse trabalho é muito mais que uma explicação da justiça pela fé. É um estudo das bases do conhecimento de Cristo e da confiança nEle. Por anos o Pastor Venden tem pesquisado e ensinado o tema. Através desse livro ele compartilha suas conclusões, na intenção de ajudar os cristãos a compreenderem as maravilhas da fé em Jesus.



Casa Publicadora Brasileira
Rodovia Estadual SP 127 — km 106
Caixa Postal 34; CEP 18270 — Tatuí, SP
Fone (0152) 51-2710
Telex (0152) 343